

## Um barco cheio de clandestinos

O palco estava pronto, o público estava sentado.

— Esta peça vai ser assustadora.

— É sobre passageiros clandestinos.

— É sobre afogamentos.

— E ser comido pelos tubarões.

As crianças não se calavam.

— Não queremos ver — disseram a Milly e Molly.

A professora Adelaide levantou-se.

— Silêncio, por favor — disse, com firmeza.

Os meninos não paravam quietos. As meninas cochichavam. Então, a cortina subiu e fez-se silêncio. O comandante sentou-se à secretária.

— Traz os clandestinos, um a um — ordenou ele ao Imediato. — Vejamos o que sabem fazer para se sustentarem.

O primeiro clandestino tirou uma harmónica do bolso e tocou uma música. O Comandante aplaudiu:

— Tu podes tocar para te sustentares.

A segunda clandestina levantou a cabeça e cantou uma bela canção.

— Tu podes cantar para te sustentares.

O terceiro clandestino pegou num bloco e num lápis e desenhou um belo barco.

— Tu podes desenhar para te sustentares — aplaudiu o Comandante.

A quarta clandestina colocou os braços atrás das costas e dançou muito bem.

— Tu podes dançar para te sustentares — aplaudiu o Comandante.

O quinto clandestino pegou num caderno e abriu a boca, mas não conseguiu dizer uma palavra. O Comandante não percebia o que se passava. O clandestino tremia e agitava o caderno,

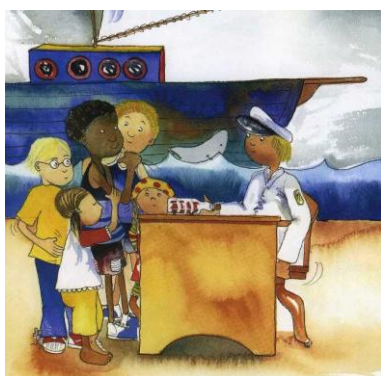
mas não dizia uma palavra. Os espectadores sustiveram a respiração. O que ia acontecer ao quinto clandestino? Milly e Molly esconderam-se atrás das cadeiras. O Comandante abanou a cabeça.

— Por favor... espere. Eu posso ajudar — disse o primeiro clandestino, pegando no caderno. E leu um lindo poema.

— Ah, tu podes escrever poesia para te sustentares — disse o Comandante ao quinto clandestino.

— Mas, digam-me uma coisa... — disse o Comandante. — Porque viajam tantos clandestinos no meu barco quando têm tanto talento?

— Achámos que podíamos mostrar o nosso valor antes de chegarmos a terra — disse o primeiro clandestino. — É que ninguém nos dá uma oportunidade.



— Não percebo — disse o Comandante.

— Eu tenho uma lesão no cérebro — disse o primeiro clandestino, com a harmónica.

— Eu sou cego — disse a segunda clandestina, com uma bela voz.

— Eu sou surdo — disse o terceiro clandestino, com o bloco.

— Eu não tenho mãos — disse a quarta clandestina, que dançava muito bem.

— Eu ga-ga-gue-jo — disse o quinto clandestino, com o caderno de poemas.

O Comandante aplaudiu e aplaudiu.

— Agora percebo — disse ele. — E que tal partirmos para ver o mundo? A todo o vapor! — exclamou.

O Imediato festejou. Os clandestinos saltaram de alegria.

O elenco alinou-se para fazer uma vénia. Os espectadores aplaudiram.

— Também queremos ser passageiros clandestinos — gritavam eles.

